

Algumas considerações acerca da formação e atuação dos principais pintores sergipanos no século XIX

D. V. S. Guimarães

Departamento de Artes Visuais, Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil

danielle.virginie@yahoo.com.br

(Recebido em 29 de fevereiro de 2008; aceito em 13 de maio de 2008)

O presente artigo apresenta as algumas considerações acerca do processo de formação e da atuação de três dos principais pintores sergipanos do século XIX. São eles: Horácio Hora (1853-1890), Oséas dos Santos (1865-1949) e Cândido Aragonez de Faria (1849-1911). Objetiva-se através deste, dar início ao estudo da trajetória educacional de artistas do século XIX que além do exercício das artes lecionaram disciplinas dessa modalidade em ateliês, academias e demais instituições escolares, bem como, impulsionar a construção do campo da história do ensino das artes em Sergipe.

Palavras-chave: arte, educação, Século XIX

This article presents the initial considerations about the formation process and the actuation of the three mainly painters from Sergipe of XIX century. They are: Horácio Hora (1853-1890), Oséas dos Santos (1865-1949) and Cândido Aragonez de Faria (1849-1911). Thus, the objective of this work is beginning the study about their educational trajectory, since, beside their experience on the arts exercise, they had lectured similar disciplines in ateliers, academies and others educational institutions, and, as well as, impulsion the construction of the arts' history lecture in Sergipe.

Keywords: arts, education, XIX century.

1. INTRODUÇÃO

A chegada da Missão Artística Francesa ao Brasil, constituiu um momento chave para o progresso das artes no país. A Missão chefiada por Lebreton, desembarcou no Rio de Janeiro em 26 de março de 1816. Aspirava a implantar o ensino de arte em academia, método já presente desde o século XVII em importantes cidades européias, mas que não existia até então em Portugal.

Dez anos após a chegada dos franceses ao Brasil, foi fundada a Academia Imperial de Belas Artes em 1826, tendo seus programas de ensino baseados na Escola Neoclássica de Belas Artes de Paris. Inaugurava-se, assim, o sistema de ensino de artes que iria influenciar toda produção de artes no Brasil no século XIX.

Em Sergipe a educação artística apareceu primeiramente com a criação da cadeira de música em 1818. Nesse período a província de Sergipe atravessava fortes dificuldades, principalmente no campo educacional e cultural. No que concerne à educação nas primeiras décadas do século XIX, marcadas por grandes transformações políticas, apenas uma mínima parcela da população sergipana chegava à escola.

Laranjeiras a “Atenas Sergipense” vinha se destacando no setor cultural. Sua privilegiada situação geográfica favoreceu ao desenvolvimento da atividade açucareira.

Laranjeiras demonstra a pujança da economia açucareira na região do rio Cotinguiba com a instalação, em 1836, da Alfândega de Sergipe, como revela seu potencial político e cultural com a entrada em circulação, em 1841, do jornal *O Monarquista Constitucional*, seguido de outras folhas também engajadas, como *O Triunfo* (1844), *O Guarany* (1847), *O Telegrafo* (1848), *O Observador* (1851), *Voz da Razão* (1851), *A Coluna do Trono* (1864), *O Horizonte* (1865, marcando a participação de Felisbelo Freire, dando início às conferências científicas), *O Laranjeirense* (1887, também

redigido por Felisbello Freire), *O Republicano* (1888, igualmente redigido por Felisbello Freire e contando com a colaboração de Silvío Romero e de outros propagandistas da época).ⁱ

Em Laranjeiras nasceram alguns dos principais artistas pintores do século XIX, como Cândido Aragonez de Faria (1849 – 1911) e Horácio Hora (1853 – 1890).

2. IMPRESSÕES INICIAIS ACERCA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS ARTISTAS

Estudar o processo de formação desses pintores supracitados é de grande valor para o entendimento da situação do ensino de artes em Sergipe no século XIX. Embora Laranjeiras fosse a sede da maior parte da elite intelectual e cultural do estado, não só ela quanto Sergipe inteiro tornaram-se pequenos diante do talento e das aspirações de nossos inquietos artistas. Distante do Rio de Janeiro, sede da Academia Imperial, não possuía Sergipe escola de artes com mestres especialistas.

A Academia de Belas Artes da Bahia foi fundada em 1877, resultado do esforço do pintor Miguel Navarro y Canizares e outros artistas baianos ou que lá residiam. A proximidade da nova escola fez com que vários notáveis da pintura sergipana fizessem lá seus estudos.

Horácio Hora nasceu em 17 de setembro de 1853 em Laranjeiras. Filho de Antônio Esteves de Souza e D. Maria Augusta da Hora, desde criança apresentou forte inclinação para as artes.

Em Laranjeiras Horácio fez o primário, mas pouco se dedicou a esses estudos. Desenhava em calçadas e muros, esboços que revelariam a iminência de um grande artista.

Ao analisar a trajetória inicial da atuação de Horácio Hora, torna-se evidente que, não só no caso deste pintor, a observação do ambiente foi o primeiro aspecto estimulante ao desenvolvimento de seus trabalhos em artes. A cidade de Laranjeiras, palco das percepções primárias de Horácio e centro cultural da época exibia, além da paisagem, uma arquitetura que revelava a sua singularidade. Além disto, o local atraía pessoas de diferentes lugares “para o exercício de atividades requeridas pelo progresso”.ⁱⁱ

Concebendo a sua arte de maneira autodidata e com notável habilidade, Horácio Hora permaneceu por algum tempo neste estado, até que a Assembléia Legislativa aprovasse o pedido do governo, de uma subvenção para que estudasse desenho em território nacional ou internacional. Assim dizia a Resolução n. 983 de 6 de maio de 1874:

Art.1. O presidente da província é autorizado a conceder a Horácio Pereira da Hora a subvenção anual de 2:000\$000 por espaço de 3 anos para estudar dentro ou fora do país a arte do desenho em todos os seus diferentes ramos.

Art.2. O subvencionado é obrigado a indenizar a tesouraria provincial, depois que concluir os seus estudos, de toda a quantia que houver recebido.

Art. 3. Revogam-se assim as disposições em contrário.ⁱⁱⁱ

A falta de uma escola de belas artes em Sergipe e de professores aptos fez com que, no ano de 1875, o artista partisse para a Europa. Lá chegando à cidade de Paris, matriculou-se na Escola de Belas Artes, além de freqüentar a Escola Municipal de Desenho.

Na época de sua chegada Paris vivia um momento especial na história de suas artes, com a superação de estilos Românticos e Realistas e o aparecimento do Impressionismo, que também encantou Horácio, como pode ser percebido em duas de suas obras *O Atelier de Paris* e *Perfil*.

Pouco antes de sua morte na Europa em 1890, Horácio teve seu nome sugerido para ocupar a cadeira deixada vaga após o falecimento do professor Carlos da Costa Carvalho, também sergipano, na Escola de Belas Artes da Bahia. Entretanto, quem assumiu a vaga foi Oséas Alves dos Santos, filho de Maruim, nascido em 11 de maio de 1865. Seus pais Manoel José dos Santos e Margarida Rosa Vitória dos Santos desde cedo perceberam a grande vocação que Oséas apresentou para a pintura. Seu primeiro contato com a prática artística foi ainda em sua cidade natal, onde começou a ter aulas de pintura com um velho pintor de nome não revelado que produzia quadros sacros. Este, surpreendido com o talento do jovem artista o aconselhou a ir

para a Bahia, afirmando que lá haveria bons mestres. Oséas chegou à Bahia em 30 de novembro de 1879 e como a Academia estava em férias matriculou-se em fevereiro de 1880.

A academia de belas artes funcionou primeiramente na casa do Prof. Navarro y Canizares, em virtude da não conclusão das obras de seu prédio original inaugurado somente em junho de 1880.

“A minha primeira lição constou de uma série de olhos, narizes, bocas e orelhas, tendo como modelo uma litografia de Julien. Executei tão bem e tão rapidamente a cópia, que o mestre ficou satisfeito. Continuei sempre executando boas cópias até que certo dia o Canizares perguntou-me: “Você nunca aprendeu o desenho”? “Nunca teve professor”? Respondi-lhe que não e ele duvidou.”^{iv}

Após concluir seu curso aceitou o convite para ser professor da Academia onde lecionou durante 41 anos. Em 25 de outubro de 1895, Oséas foi nomeado como professor de desenho, caligrafia e cartografia da Escola Normal da Bahia. Nessa ocasião fora homenageado com as seguintes palavras: “Senhor Professor Oséas, o senhor entra para o magistério público da Bahia, pelas portas largas do seu merecimento e não pelas portas estreitas do protecionismo.”^v

Nessa instituição permaneceu por 38 anos e oito meses. Foi convocado pelo governo a fim de Elaborar os pontos para o concurso da Escola de Aprendizes e Artífices e do Ginásio da Bahia, fazendo parte também da comissão julgadora. Por sua capacidade, era freqüentemente solicitado para lecionar em escolas particulares. Ministrou aulas particulares também em sua casa, preferencialmente para pessoas sem recursos, como forma de doação. Faleceu em 1949, já doente, devido à sua idade avançada.

Um grande e desconhecido pintor sergipano é Cândido Aragonez de Faria, o “Faria” como assinava em seus trabalhos. Nascido em 12 de agosto de 1849, na cidade de Laranjeiras filho de José Cândido de Faria e de Josefa Maria Aragonez. Mudou-se para o Rio de Janeiro após a morte de seu pai, médico do hospital da cidade, uma das vítimas de cólera em 1855.

Desde criança demonstrou forte tendência para a arte. Sua formação deu-se no Rio de Janeiro. Ainda muito jovem ingressou na Academia Imperial de Belas Artes. Iniciou suas atividades como caricaturista em 1866 aos 17 anos e colaborou com diversos jornais do Rio de Janeiro como chargista. Em 1878 Cândido Faria foi morar em Porto Alegre, cidade onde se tornou conhecido primeiramente como professor de desenho, pintura a óleo e de aquarela, por ministrar aulas em colégios e dar cursos em seu atelier. Desta fase nada se sabe de sua atividade como artista já que seus quadros se perderam.

Após sua permanência no Rio Grande do Sul, transferiu-se para Buenos Aires em 1879. Trabalhando outra vez em jornais, semanários, dentre outros periódicos, após três anos na Argentina, era notável o amadurecimento de sua técnica. Faria deixou Buenos Aires e foi para a França em 1882 onde se radicou. Em Paris montou o Atelier Faria, colaborou com jornais e revistas, ilustrou livros, partituras e destacou-se na criação de cartazes publicitários para o cinema, teatro, concertos e circos. “A arte a serviço da publicidade teve em Cândido de Faria, na sua fase parisiense, um dedicado e aplicado defensor, sem receio de tornar menor sua obra pictórica, que amadureceu na França.”^{vi}

Ilustrando os cartazes de cinema da Casa Pathé, Faria tornou-se amplamente conhecido na França e participou do início da história da sétima arte. Faria faleceu em Paris em 17 de setembro de 1911 e seu atelier permaneceu funcionando graças a seu filho Jacques Faria.

Sendo a história da educação um campo aberto à pesquisa, torna-se importante compreender de que se ocupa então a história da educação.

“Nesse sentido, pode-se falar mais apropriadamente, em histórias da educação. Estudos que investigam não somente o ensino e a escola – objetos tradicionais da disciplina –, mas também as crianças e os jovens, o livro e a leitura, as mulheres, a violência, entre tantos outros sujeitos e objetos que contribuem para a melhor compreensão dos processos educativos do passado.”^{vii}

Nascimento^{viii}, em *Historiografia Educacional Sergipana*, analisa os estudos em história da educação em Sergipe no período de 1916 a 2002, nos quais avalia, sobretudo, as temáticas

recorrentes, os períodos históricos escolhidos e de que maneira foi feita a escolha. Aponta ainda que entre os anos de 2001 e 2002, as temáticas tornaram-se diversas e surgem entre outros, trabalhos voltados para a biografia de professores e intelectuais da educação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que toca a historiografia educacional, neste estudo, é importante observar tanto o processo de formação desses pintores, quanto à atuação destes como professores em ateliês e academias. Merece realce a presença dos mestres individuais, das aulas com copistas de quadros sacros, muito comuns nos primeiros passos da formação dos artistas do século XIX. A falta de uma escola de artes acabou por tirar do estado o privilégio de formar grandes artistas que naquele período eram levados a procurar as escolas do Rio de Janeiro ou da Bahia, por vezes, em outros países como no caso de Horácio Hora.

No estado de Sergipe é ainda obscuro o conhecimento sobre a atuação de grandes artistas sergipanos como educadores em importantes instituições de ensino espalhadas pelo país exclusivamente pela escassez de estudos a esse respeito. No que concerne aos artistas professores do século XIX o problema é ainda maior, tendo em vista a periodização dos estudos em história da educação, a maioria na era republicana, e o pouco interesse que essa temática desperta nos pesquisadores.

1.

ⁱ BARRETO, Luis Antonio. “Laranjeiras, Berço de Horácio Hora”. In: CARVALHO, Ana Conceição Sobral de. *Álbum Horácio Hora*. Aracaju: Secretaria do Estado da Cultura, 2004. p. 10

ⁱⁱ *Ibid.*, p. 10

ⁱⁱⁱ FRANCO, Candido Augusto Pereira. *Compilação das Leis Provinciaes de Sergipe* (1835 a 1880). Aracaju: Typ. De F. das Chagas Lima. p.921

^{iv} SANTOS, Oséas Alves dos; SANTOS, Isaura dos. A Vida de um Pintor. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju. N. 26, v. 21, p 134 – 166, 1965. p. 137

^v *Ibid.*, p. 147

^{vi} BARRETO, Luis Antônio. Memórias de Sergipe: Personalidades Sergipanas – Cândido Faria. In: *Correio de Sergipe*. Aracaju, 2007. p. 9

^{vii} LOPES. Eliane Marta Teixeira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 12

^{viii} NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Historiografia Educacional Sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação*. São Cristóvão, Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED/UFS, 2003.

-
1. CARVALHO, Ana Conceição Sobral de. *Álbum Horácio Hora*. Aracaju: Secretaria do Estado da Cultura, 2004.
 2. GUARANÁ, Armindo. *Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano*. Rio de Janeiro, 1925.
 3. GUIMARÃES, Danielle Virginie Santos. *Catálogo de Pintores Sergipanos: 1850-1950*. São Cristóvão, Monografia: Departamento de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal de Sergipe, 2007.
 4. LOPES. Eliane Marta Teixeira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
 5. NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Historiografia Educacional Sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação*. São Cristóvão, Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED/UFS, 2003.
 6. _____. “Sobre o campo da História da Educação na Região Nordeste”. In: VASCONCELOS, José Gerardo e NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *História da Educação no Nordeste Brasileiro*. Fortaleza: Edições UFC, 2006. p. 29 – 43.
 7. TAUNAY, Afonso. *A Missão artística de 1816*. UNB, 1983.
 8. NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Provincial II (1840/1889)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006. p. 278
 9. SANTOS, Oséas Alves dos; SANTOS, Isaura dos. A Vida de um Pintor. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju. N. 26, v. 21, p 134 – 166, 1965.